

# Stadium

N.º 339

1 de Junho de 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Portugal está de novo em plena prova, disposto a classificar-se honrosamente no campeonato do Mundo e da Europa de hóquei em patins. O nosso país conquistou já por duas vezes o título maior, e por certo o defenderá do assalto brioso e desportivo dos restantes concorrentes — Itália, França, Inglaterra, Bélgica, Suíça, Espanha e Holanda. Apresentamos a nossa equipa, formada por Euzébio, Raio, Sidónio, Jesus Correia, Correia dos Santos e Oliverio Serpa, tal como venceu a Espanha por 6-2.



# A EQUIPA DE PORTUGAL

pode conquistar novamente os títulos de campeão do Mundo e da Europa

embora se reconheça que a Itália e a Inglaterra são perigosas candidatas

(Comentários de JORGE MONTEIRO)

**E**QUIPAS de oito nacionalidades estão a disputar — no Pavilhão dos Desportos — o 5.º campeonato do Mundo (cumulativamente com o 15.º campeonato da Europa) e o torneio — como era de calcular — voltou a interessar vivamente o público desportivo, e, de igual modo, senão mais ainda, a multidão heterogenea que não acompanha habitualmente as manifestações de actividades hoquisticas. Mas — seja lá como for! — a verdade é que os campeonatos do Mundo e da Europa de hóquei sobre rodas dominam por completo quaisquer outros acontecimentos da semana; e o público vibra intensamente com o espectáculo, emprestando-lhe, assim, o «ambiente» necessário ao êxito previsto. E' cedo para formular hipóteses acerca da acção de cada uma das turmas concorrentes; no entanto, pelo que já foi dado ver nas duas primeiras sessões, únicas a que nos podemos reportar no momento de alinhar estas simples regras, é de crer em torneio bem disputado — com equilíbrio e talvez outras surpresas além da primeira vitória da França sobre a Inglaterra... Aparte a equipa da Holanda, ainda com pouca categoria para figurar em competição do género, todas as outras turmas se apresentaram no seu melhor — e de aí a simples previsão de equilíbrio entre elas.

Portugal tem um papel preponderante. Campeão do Mundo e da Europa — muito justamente — vai por certo confirmar o seu valor no hóquei internacional. Mas a tarefa há-de fatalmente ser-lhe dificultada no máximo. O luto recente dos irmãos Serpas «abalou» também os companheiros. Isso compreende-se, por se tratar de um bloco sólido de amizades, tanto assim que, no primeiro jogo, a equipa quebrou um pouco o seu ritmo normal; mas, passada que foi essa contrariedade, a turma nacional de hóquei voltou a ser «ela própria, inteirinha, lutando sem desfalecimentos e com vigor pela conquista do triunfo. E' de salientar (aplaudindo-a e agradecendo-a) a abnegação de Sidónio e de Olivério — que, com o verdadeiro sentido das responsabilidades, não se escusaram a dar o seu contributo ao grupo de Portugal. Gesto tanto mais simpático quanto representa de sacrifício pessoal numa ocasião em que as razões de ordem sentimental são de respeitar. Mas o público compreendeu bem a si-

luação — correspondendo, com o seu incondicional apoio moral, ao sacrificio dos dois briosos desportistas, a quem o hóquei em patins lusitano tanto e tanto deve. Comunguemos, pois, todos, na mesma razão espiritual dos enludados — e, se nos permitem, de aqui lhes testemunhamos o nosso afecto e profundo respeito.

No campeonato estão presentes as mais categorizadas turmas nacionais dos diferentes países onde se pratica o hóquei sobre rodas. Quem vencerá? A Bélgica, a França, a Espanha, a Inglaterra, a Itália e a Suíça denotam valor sensivelmente igual, e uma epuipa que hoje ganhe pode perder amanhã... A Holanda e Portugal — em polos opostos — consideram-se fora daquele sexteto opoitor (os portugueses, especialmente, por ostentarem um título cobçado e têm tarefas distintas. Repita-se: Quem vencerá? Só desejamos que triunfe realmente o melhor — num alarde de superioridade amplamente confirmada e aplaudida quanto merece.

No 1.º dia:

**Itália-Holanda (12-0)** — A equipa mais fraca (e uma das mais fortes: por que não a de melhor e mais perfeita estrutura técnica?) defrontaram-se em partida de abertura da competição. E o des-

fecho, logicamente previsto, foi aquilo que se viu... 12 golos sem resposta! A-bitrou Gervaz (Suíça) e alinharam e marcaram: pela Holanda — Wit, Rocrad, B. van Dinter, Wimmers, De Boek e D. C. van Dinter; pela Itália — Gassi, Mazzoni, Cergol (2), Bertuzzi (3), Poser (7) e Torre.

**Espanha-Suíça (2-0)** — Equipas de características idênticas (jogando à base da energia) fizeram — e não podia deixar de ser — a partida mais entusiastica da ronda de abertura.

Os espanhóis ganharam — por terem sabido aproveitar-se das duas únicas faltas da defesa helvética. Mas e empate serviu talvez o resultado mais de harmonia com a feição do jogo. Alinharam e marcaram: Espanha — Nadal, Felip, Serra, Más (1), Thias (1) e Valmojo; Suíça — Corbat, Cervaz, Millasson, P. Monney, M. Monney e Murry.

**França-Inglaterra (5-1)** — Excesso de confiança ou carência de recursos? Eis o problema...

Dada a derrota dos britânicos — que constituiu a primeira grande surpresa da competição — é de admitir ter havido fé demasiada no triunfo. Mas os franceses (que ao intervalo já tinham 2-1 a seu favor) é que não estiveram pelos ajustes; e, com dois golos — relâmpago, obliteraram justamente o triunfo: a sua primeira vitória sobre a Inglaterra. Alinharam e marcaram: França — Gonzalo, Grandchamy, Beaubequie,

Leporequ (1), Marquis (4) e Marchand. Arbitrou Marcari (Itália)

**Portugal-Bélgica (3-1)** — A equipa nacional, talvez por um complexo de inferioridade momentâneo, aceitável e perfeitamente justificado nas circunstâncias, não realizou contra os belgas a exibição que o seu real valor impunha. Deu até a impressão de contagiada pela depressão moral de Olivério. E o certo é que não puderam mais do que suste o impeto vigoroso do adversário — porque a turma da Bélgica, que há dois anos surpreendera a Inglaterra, parecia disposta a repetir a façanha... Imperou, então, o brio desportivo dos nossos valorosos representantes — que, vendo o caso um tanto feio, sacudiram a «ameaça» e foram deliberadamente à conquista do triunfo. Mas a primeira parte (0-0) chegou a provocar apreensões e até muitas doras de cabeça...

Os belgas marcaram logo ao começo do reatamento e estiveram ainda à beira de segundo tento; no entanto, os portugueses pouco depois, lograram o empate, e, sem mais perderem a toada de ataque, apesar de terem tido falta de sorte nalguns lances para golo e da defesa «fechada» da Bélgica, fizeram mais dois pontos no breve espaço de um minuto. Em suma: mercê disso, sossegaram eles e sossegou a multidão, que, mesmo assim, saiu desapontada com a mediocre exibição da equipa de Portugal. Alinharam e marcaram: Emídio, Raio (1), Edgar, Jesus Correia, Correia dos Santos (2) e Olivério — por Portugal; De Winter, Cossaer, De Vos, Verolodt, Huygh (1) e Bogaerts. Arbitrou Wallace (Inglaterra).

No 2.º dia:

**Bélgica-França (2-2)** — Desafio de sensação e que teve desfechos inesperados. Decididamente, a equipa gaulesa, pelo imprevisto das suas precauções, irá ser neste torneio a equipa das surpresas... Os franceses atingiram o intervalo a perder por 0-2; mas, no período seguinte, tiveram uma reacção firme, acabando por empatar a um minuto do final. Alinharam e marcaram: pela Bélgica — De Winter, Cossaert, De Vos, Verolodt, Huygh (2) e Bogaerts; pela França — Gonzalo, Grandchamy, Beaubequie, Marquis, Leporaq (2) e Marchand. Arbitrou Lacambre (Espanha).

**Inglaterra-Holanda (7-0)** — Superioridade manifesta dos britânicos que o resultado não traz. Os ingleses (com 17-0 em

## A "graça" da semana



A' saída do Pavilhão dos Desportos: — Uf! Aquela vitória com os espanhóis deixou-me satisfeito... Sim não sei se tu sabes que nós vencemos os «campeões dos campeões do Mundo!!»

## Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

### Visado pela Comissão de Censura

Montreux na prova de 1948) não se esforçaram como convinha a recordistas e candidatos com aspirações. Mas, mesmo assim, ainda fizeram sete golos sem resposta... 2 0 ao intervalo justificava-se pela oposição tenaz dos holandeses. Alinharam e marcaram: Van Klugt, Roeder, B. van Dinter, Wemmers, Ce Bock e D. C. van Dinter (Holand.); Payton, Walters (1), Mercer, Phippard (1), Goodall (3) e Buckley (2). Arbitrou o português Peyssonnaud.

**Itália-Suíça (7-3)** — Partida interessante do aspecto técnico e emotiva ao máximo pela recuperação dos helvéticos na segunda metade, visto que, ao intervalo, a Itália ganhava por 4-0. Quer dizer: na segunda parte registou-se igualdade na marcação dos tentos. A notar os quatro golos de Poser. Alinharam e marcaram: Grassi, Mazzoni, Cergol (1), Bertuzzi (3), Poser (4) e Panagini — pela Itália; Corbat, Gervaz (1), Millasson (1), M. Monney (1), P. Monney e Mury — pela Suíça. Arbitrou: Tetler (França).

**Portugal-Espanha (6-2)** — Jogo de reabilitação dos campeões do Mundo. A equipa espanhola lutou com rudeza e bastante foga, mas os lusitanos, «voltando a voltar», foram na realidade verdadeiramente campeões —

em tudo. O reaparecimento de Sidónio imprimiu feição nova ao leam — de tal modo que nem pareciam os mesmos homens da véspera. Bravos rapazes, estes, da equipa nacional, do hóquei sobre rodas. Parabéns. Muitos parabéns.

Que se teria passado no seu intimo? A equipa mostrou-se outra, à altura das circunstâncias e das suas tremendas responsabilidades, ganhando sem discussões... Jesus Correia chegou a ser quasi fulgurante; e seu primo, Correia dos Santos, também cumpriu. Sidónio (nem era preciso evocar o seu nome) foi *de inteirinho*: o homem de que a turma precisava! Emidio e Raio, muitíssimo bem, sem distinção para qualquer deles. Olivério — um substituto que cumpriu quando foi chamado a agir. Da equipa de Espanha só há que dizer bem — e muito bem mesmo — tal a voluntariedade e energia que patentearam. Certo que alguns foram rudes (em especial Felip e Vallmajó) mas o grupo, no todo, jogou como «um bloco sólido». A Nadal nada se lhe pode apontar; e Serra, assim como Más e Trias, cumpriam perfeitamente. Chegou-se ao intervalo com 4 2 (2 0, 2 1, 3 1, 3-2 e 4 2) a favor dos portugueses; e, no segundo tempo, os campeões do Mundo obtiveram mais dois golos com inteira justiça. Arbitrou Vervloedt (Bélgica) e alinharam e marcaram: Emidio, Raio, Sidónio (1), Jesus Correia (2), Correia dos Santos (3) e Olivério — por Portugal; Nadal, Felip, Serra, Más (1) e Trias (1).

Em continuação do torneio — no próximo número faremos referência ao prosseguimento da prova — defrontam-se: Hoje: Holanda-Suíça, Espanha-França, Bélgica-Inglaterra e Portugal Itália; Amanhã: França-Suíça, Bélgica-Espanha, Inglaterra-Itália e Portugal Holanda; Sexta-feira: França-Holanda, Bélgica-Suíça, Espanha-Itália e Portugal Inglaterra. No sábado jogam os campeões do Mundo com o misto e procede-se à distribuição dos prémios.

Jorge Monteiro

## FUTEBOL

# UM JOGO OFICIAL

com a vitória do Atlético sobre a Covilhã por 1-0

e um outro para desforra entre o Sporting e o Corunha

Primeiro: — o jogo oficial que se disputou na Covilhã, entre os «leões» locais e o Atlético. Venceram os homens Tap d'inh, por 1-0, após prolongamento, e a honra classifica-o para o jogo definitivo. Falta agora esperar que Benfica e Vitória de Setúbal resolvam o seu caso.

A «Taça», entretanto, parece esquecida do público. A sua regulamentação deficiente, as paragens sucessivas e até o facto dos «grandes» a terem abandonado cedo, retiram-lhe categoria, tirando-a para o lote dos objectos sem valor.

E' preciso regulamentar cuidadosamente. Ou ir mais além: eliminando-a.

No jogo de domingo, os alcantarenses, como afirmamos no principio, ganhou por 1-0, embora tivesse sido necessário recorrer a prolongamento. Isto prova, pelo menos, que os rapazes de Lisboa se bateram com energia, dedicadamente, porque vencer fora de casa é sempre difícil.

O Covilhã, vencido, cumpriu com o seu dever este ano: ficou na 2.ª Divisão e foi à meia final da Taça. Bons auspícios para a próxima época.

O Sporting recebeu o Desportivo da Corunha, às mãos de quem havia perdido na Galiza por 5-1. Mas não se desforrou. Os campeões nacionais, na sua forma de há meses, teriam esmagado a equipa visitante.

No domingo, a linha avançada leonina fartou-se de perder ocasiões de marcar. Travaços, sempre bom jogador, como todos reconhecem, rematou quase sempre para as nuvens. Peytoe regressou naturalmente combalido. Vasques e Armando Ferreira não se «entusiasmaram», e Albano provocou os aplausos do público mas não contribuiu eficazmente para o remate oportuno dos seus colegas.

O tempo de jogo não deu para impressionar o público. Nem a crítica. Os espanhóis valem pouco, a despeito de que se teria pensado após a sua vitória sobre o Sporting no Estádio de Riazor. Só o guarda-redes Acuña deixou os aficionados satisfeitos. E, quando à defesa, os homens que lhe ficam mais próximos.

Enfim: o Sporting ganhou por 2 0. Poderia, entretanto, fazer muito melhor.

## HIPISMO

# GUEDES DE CAMPOS

E A EQUIPA PORTUGUESA

venceram em França a Prova «Duque de Bolonha»

A vitória alcançada pelos cavaleiros portugueses no primeiro dia de provas do Concurso Hípico Internacional de Paris, em luta com os melhores concurrentes americanos, italianos, franceses, belgas, espanhóis e ingleses, não pode nem deve ser ofuscada pelo facto de, nos dois dias imediatos, as classificações não terem sido tão alto.

Quando um Concurso apresenta as dificuldades do de Paris, no qual em cada prova cada cavaleiro só pode apresentar um cavalo (o que não sucede no Concurso de Lisboa), uma vitória tem redobrado valor e principalmente quando ela se transforma em individual e colectiva.

No hipódromo parisiense, entre mais de 50 concorrentes que disputaram a prova «Bosque de Bolonha», os nossos representantes classificaram três dos quatro cavalos que inscreveram, arrancando o 1.º lugar (Guedes Campos, na «Mondina»), o 5.º (Reimão Nogueira, no «Congo») e o 9.º (Henrique Calado no «Rasso»), proeza digna dos melhores elogios.

Quer individualmente, quer por equipas, o triunfo pertenceu-nos, coroando uma acção extraordinariamente brilhante.

O capitão Guedes de Campos, na «Mondina», conjunto que já

afirmava o seu valor na época finda e que este ano em Mafra tanto brilhou, alcançou uma vitória honrosa para o hipismo nacional que não queremos nem devemos deixar de arquivar nas nossas colunas.

Enquanto que o cavaleiro afirmou o seu valor indiscutível, a «Mondina» provou-nos do que era capaz, colocando-se num nível infinitamente superior aos outros quatro cavalos daquela remonta.

Somos daqueles que defendemos o principio de que os «conjuntos» não devem ser alterados, a não ser em casos muito excepcionais. Talvez que o triunfo alcançado na prova «Bosque de Bolonha» tenha sido proveniente não só do valor do cavaleiro e da montada como, também, do bom entendimento que há entre as duas peças do «conjunto». Desfaz-lo, de futuro, seria perder um trunfo que devemos conservar.

O mesmo se dá com muitos outros, de valor comprovado.

No próximo número faremos referência aos resultados obtidos em Paris.

Hej limitamo-nos a pôr em destaque o brilho do triunfo individual do capitão Guedes de Campos e da vitória da equipa na prova «Bosque de Bolonha».

Antas Teixeira

## ARCADIA

O DANCING N.º 1  
= DA CAPITAL =

Apresenta um categorizado programa de atrações internacionais selecionadas, com

A extraordinária vedeta de baile clássico **ANITA DEL RIO**

O conjunto coreográfico **BALLET COPELIA Y SUS MUCHACHAS**

Esculturais bailarinas francesas **LES DEUX PARISIENNES**

os famosos estilistas de ritmos brasileiros **ORQUESTRA FON-FON**

Carmelita de Cardoba, Mary-Mely, Hermanas Baron, Dorita de Triana, Petri Cobo, Hermanas Didier, Emilia Gomez, Mabel Valencia, Gloria La Gitanilla, Estrella Olmedo, Conchita Carmona e Manola Herrans

ORQUESTRA **ARCADIA** com a vocalista norte-americana **DAINA**

A famosa bailarina **ANITA LUCENA**

Abertura às 22 — Variedades às 0,15 e 2,15 horas

## ANDEBOL

# Portugal venceu a França

numa partida dinâmica,  
emocionante e viril.



Seleção de Portugal



Seleção da França



Um remate dos portugueses



José Manuel remata um dos golos portugueses



Fotos HERMANN

Os dois capitães cumprimentam-se após a troca de galhardetes.

o andebol conquistou com certeza mais alguns milhares de aficionados.

Começo fulgurante: aos quatro minutos ganhávamos 2-0, por Costa Pereira e Montalvão, mas aos oito minutos Goanach igualara, sendo o primeiro ponto de exclusiva responsabilidade de Délio que se lançou ao solo fora de tempo.

Ao quarto de hora adiantamos com uma grande penalidade, por Fabião, mas dois minutos depois Délio repete o erro e Wurtz empatia; outros dois minutos e Pires dá-nos mais um ponto, ao qual segue quatro minutos depois outro, de Fabião, ao canto alto oposto, da sua inconfundível marca. A cinco minutos, do intervalo uma carga de Serafim é punido com o máximo e Goanach fixa em 5-4 o resultado do primeiro tempo.

(Continua na pág. 11)



## O LISBOA GINÁSIO foi condecorado

O estandarte do Lisboa Ginásio recebeu as insígnias da Ordem de Cristo com que foi agraciado. O ato que serviu para fecho do ano lectivo teve a presença do sr. Director Geral dos Desportos. No decorrer dessa cerimónia, foi também prestada homenagem ao corpo docente do prestigioso instituto de cultura física, cujo grupo publicamos.



Uma avançada portuguesa oportunamente interceptada

# AS MEMÓRIAS DE XICO FERREIRA

## Recolhidas e contadas a ROSA de MATOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 232)

Entretanto, no Porto — na cidade e no clube — a saída do Xico não ficara sem comentário. E o maior número destes era positivamente desfavorável à gerência do campeonato, antes a facilitando.

Pelos confusos, nas redacções dos jornais, onde quer que se reunissem dois portistas, era certo e sabido que havia de falar-se na operação, para criticar o Porto e felicitar o Benfica por ter visto entrar-lhe em casa um rapaz de tanto cheio de qualidades, dedicado e generoso na luta, com um óptimo futuro na sua frente.

E os comentários rematavam sempre com esta afirmação unânime: — É pena que o Porto perca assim, com tanta facilidade, um elemento que não pode substituir-se de pé para a mão.

E que ninguém ousava duvidar da carreira que tão auspiciosamente lhe se encetara. Entre os componentes da equipa principal do F. C. Porto também o caso mereceu que lhe fosse dedicada atenção, igualmente fervilhando comentários.

Os jogadores conversavam uma com os outros, nos treinos ou onde quer que se encontrassem, e trocavam impressões sobre o assunto, não escapando a um delírio perante a maneira como o caso fora resolvido.

E Carlos Pereira, o mais experimentado e idoso jogador da equipa, um atleta que havia representado com o seu escudo a fibra extraordinária do Xico Ferreira, não hesitou em ir até à Direcção do seu clube expor a situação, sem emendas técnicas, com palavras d'ara.

Teria dito, até: — É pena que se tenha deixado partir um rapaz com 18 anos, que é um atleta de qualidades e de virtudes, um jogador em que não é difícil reconhecer a estirpe do verdadeiro internacional. Saberá a Direcção o que melhor convém aos superiores interesses do clube à frente de cujos destinos se encontra. Mas é de meu dever, para não transmitir-lhe que todos os meus colegas de equipa veriam com sumo agrado o regresso do Xico Ferreira.

Do resultado dessa diligência do valioso internacional, fala claramente o facto de poucos dias depois surgir em Lisboa, encarregado pelos colegas de equipa de fazer com o novel benfiquista.

Entretanto, o Xico acclimatara-se rapidamente ao ambiente para que se transplantara, e começava a criar amizades entre a rapaziada com quem treinava nas Amoreiras.

Francisco Albino — o popularíssimo Xico Albino que criara o engrandecido sobriquete de *Tempo*, por ser assim que designava o dinheiro —, Valério e Luis Xavier eram os seus mais íntimos, aqueles com que mais acamaradava, todos formando um quarteto de inseparáveis. E para smatar saudades do seu Norte — nenhuma norteño é capaz de esquecer a sua terra, por muito distante que dela se encontre — visitava um conhecido jornalista, em casa de quem jantava com muita frequência, onde era recebido sempre de braços abertos e considerado como membro da família.

Foi este último que veio a ser chamado para desempenhar papel importante no pretendo regresso de Xico Ferreira ao grémio portista, aliás sem resultado, acentuosos desde lá, pois a sua lealdade de carácter e firmeza de atitudes levou-o a não interferir no assunto.

Contemos, entretanto. Chegado que foi a Lisboa, Carlos Pereira imediatamente procurou o nosso camarada, esportista de ontem, de hoje e de sempre, pondo-o ao corrente da missão de que vinha incumbido, e pedindo-lhe para tomar parte activa nas tentativas a realizar junto do transfuga.

A resposta ao convite — soube o Xico Ferreira mais tarde, por intermédio de pessoa que assistira ao colóquio — foi pronta.

— O rapaz vem a minha casa quando quer, e aqui o recebemos como se fizesse parte da nossa família. Isso, porém, não significa que eu me arrogue o direito de procurar interferir na sua vida.

— Não ele procurou o Benfica, e o Benfica quer ficar, lá terá as suas razões, e não será eu que as contrarie.

«Procurar convencê-lo a não sair do F. C. Porto, se ainda lá estivesse e eu tomasse conhecimento de que o tentava fazer, não digo que não fosse missão agradável.

Um cado, esta Francisco Ferreira Todas as suas atitudes revelam a natureza do atleta, do lutador. Os seus adversários, nesta fase, pertenciam ao Unidos (Caf.)



«Porém — rematou — afastá-lo do clube a que ele deseja pertencer, isso nunca! Carlos Pereira, porém, não desistiu do seu intento, e procurou chegar à foz do outro lado. Conseguiu-o. E trocou impressões com o Xico, para o seu eventual regresso ao Porto.

Este, porque o emissário soubera tocar-lhe o coração, falando-lhe na saudade que deixara entre os companheiros de equipa, a equipa que ele ajudara a vencer no Campeonato de Portugal, vacilou, e não teve coragem para negar. E, não cedendo logo, prometeu pensar.

Por outro lado, porém, uma voz interior lembrava-lhe as amizades já conquistadas em Lisboa, o aliciante poderoso da magia benfiquista a atraí-lo para a conquista da posição a que apenas chegam os eleitos do povo — esse povo que forma a grande massa do velho Benfica e é segredo da expansão e popularidade ilimitadas que este clube goza — e o Xico não hesitou. Custava-lhe dizer que não aos seus amigos do Porto, mas não podia regressar.

E abalou para um estágio em pitoresco e característico vila do Ribatejo, muito em segredo, até que o Carlos Pereira, desiludido, regressasse ao Porto.

### Surgem propostas do Sporting

Nessa época, o Sporting Clube de Portugal era treinado por Szabo, o técnico que havia descoberto o Xico nas fileiras de «Os Tigres do Teilhoro».

Pensando, talvez, que há mais afinidades entre os leões e os águias, do que entre estes e as fúlias, Szabo alimentou a esperança de voltar a ter o Xico no número dos seus discípulos. E deu parte desse pensamento aos directores do clube que então servia. Que a ideia devia ter sido acolhida com alvoroço — o Sporting, batido na temporada anterior pela equipa de que o moço jogador fazia parte, tinha razão para avaliar da óptima aquisição que fazia — prova-o o facto do Xico pouco dias depois ter sido abordado por Szabo, com propostas tentadoras.

Entre paréntesis, poderemos dizer aqui que o nosso conhecido camarada de jornalismo em cuja casa o objecto de tantas disputas aparecia frequentemente, foi de novo abordado para usar da sua influência, mas mais uma vez em vão, visto que abertamente declarou não desejar meter-se no assunto.

Szabo é que não desistiu, e foi directamente ao Xico transmitir-lhe o aneiro que tinha.

Os argumentos foram de peso, e a proposta era de molde a tem ar qualquer. A verdade, porém, é que o Xico não estava disposto a envergar a camisola «leonina», e aberta e francamente disse a Szabo que não.

E porque o húngaro não desistisse, novo estágio se seguiu... para se furtar aos convites.

### O primeiro jogo na equipa benfiquista

Terminou, entretanto, o «defeso», e a data do primeiro encontro oficial da nova época aproximava-se rapidamente.

Para a entrada do Xico na equipa do Benfica havia, porém, uma cont. variedade, que era o facto de Gaspar Pinto alinhar, então, a médio-esquerdo, precisamente o lugar que o novo recrutado podia desempenhar com êxito.

Fizeram-se, por isso, tentativas para que Gaspar Pinto viesse a ocupar outro posto na turma, dadas as suas possibilidades de adaptação — de resto, mais tarde confirmadas, ao terminar a sua carreira de jogador como defensor.

Ambou, contudo, por ser o próprio Xico Ferreira quem resolveu a situação, declarando-se disposto a alinhar a médio-direito, mantendo-se Gaspar à esquerda e Albino no centro.

Era difícil a adaptação, uma vez que só utilizava o pé esquerdo. A vontade, porém, e a acieção, fuzam com que ele não falhasse a tentativa.

Acima de tudo, o que lhe interessava era dignificar a camisola que lhe deu a honra de vestir. E para isso, em qualquer posto provaria o seu desejo de cumprir integralmente.

(Continua no próximo número)

A popularidade do Xico está em toda a parte. Em Odivos, por exemplo, onde o vamos encontrar...



O Benfica conquista mais um título — a Taça de Portugal, em 1914. A vítima foi o Estoril. Francisco Ferreira, como sempre, contribui para a boa vitória! «Ó. Aqui lhe agradecemos o estio, a pers...»

# O Corinthians de S. Paulo fez vida dura ao Arsenal

(Especial para «Stadium», do nosso redactor Candelas Alvarez)

A terceira apresentação da equipa do Arsenal em campos de futebol brasileiro, tinha foros de sensacional.

Depois do empate fortíssimo ante o Palmeiras e quando pela primeira vez os ingleses jogaram de noite, à luz dos reflectores, a espectativa formada pelo encontro ante o Corinthians era extraordinária.

Mas ao fim e ao cabo os arsenalistas averbaram mais uma vitória. Mas uma vitória daquelas que habitualmente na gíria apellidamos de «arrancada a ferros».

A verdade é que os corinthianos foram grandes adversários. A forma categorica como impuseram o jogo à sua meirada durante quase toda a primeira parte, dava-lhe o merecimento da vantagem de um ou dois golos. O Arsenal nestes 45 minutos não conseguiu manter aquelle padrão de jogo que lhe é peculiar. A velocidade fantástica imposta pelos brasileiros não lho permitia de forma alguma. Mas Swindin, Barbes e Smith não consentiram que o marcador funcionasse e, automaticamente, sabendo-se da resistência fisica dos ingleses, concluiu-se o que seria a segunda parte. Cansados pelo esforço dispendido, alquebrados também pela falta de chance, era lógica a quebra corinthiana.

O Arsenal limitando-se a uma defesa cerrada fazia passar o tempo e sonhava com o segundo periodo. A figura excepcionalissima do guarda-redes que se chama Swindin defendeu tudo, até o incrível. Logo após o reinicio viram-se os ingleses com disposição diferente, girando as suas triangulações e mandando no terreno. Do outro lado, os brasileiros insistiam na improvisação e nos rendilhados de mais um passe para cá, mais um passe para lá, sem possibilidades de concretização.

Muito entusiasmo, muito ardor posto na luta, mas mais nada. E foi assim que surgiram os dois golos dos arsenalistas. Vitória racional e lógica. Uma equipa onde os sectores defensivos e offensivos são identicos, dando uma garantia de quase invulnerabilidade, não é de estranhar qualquer vitória mesmo que ela seja um pouco fructo da sorte que a bafeja. Os corinthianos tiveram occasões por demais soberanas para fazerem na primeira parte um resultado que os puzesse a coberto de surpresas, mas não as souberam aproveitar. Uma vez — a maior parte — era Swindin quem lhes desfazia as illusões e de outras era a própria inefficacia dos atacantes. Não porque jogassem mal. Mas pela pecha já enraizada no futebol brasileiro do «toma lá, dá cá» para a gíria aliada a imperfeição dos «petardos». Em contra-partida, os ingleses, desfrutando de muito menores occasões acabaram não só por impor o seu W.M., ainda vantajoso por impor, devido à simplicidade dos seus avanços é ao aproveitamento dos momentos que lhe foram propícios.

A forma fulminante com que finalizam qualquer avançada é que lhes dá a vantagem de quando menos se espera já o adversário tem a derrota ditada. E' assim o seu jogo. Nada os surpreende. Poderiam ter sofrido um ou dois golos na primeira parte, mas isso em nada afectaria os desejos de resposta. Mas o Corinthians que havia diminuido de produção após o periodo inicial, sfundou-se também depois do segundo golo, proporcionando dessa forma uma evidente melhora da classe dos britânicos, mais afiados e mais à vontade. Smith nos momentos finais, chegou a brincar com Claudio; e Mearuly positivamente passeava pelo campo brincando com a bola. Espectaculares.

Analisando individualmente as duas equipas teremos no Arsenal: — Swindin que foi indiscutivelmente o obreiro da vitória. Aliado à espectacularidade juntou mais valentia e arrojo garantindo a defesa da rede a seu cargo e inspirando confiança illimitada nos seus companheiros de equipas. Barnes e Smith, auxiliaram estupidamente o seu colega mais próximo, em nada desmerecendo dos seus méritos. Nota-se que nos momentos de maior perigo não tem preocupação em conceder cantos consecutivos, desde que os mesmos venham auxiliar o seu guarda-redes. A espiã dorsal da equipa teve em Mearuly o seu maior estelo logo seguido por Forbes e Daniels que a médio-centro pouco produziu. O quinteto avançado é que desta vez custou a entender-se. A deslocação de Rooper para a extrema direita em beneficio de Mac Pherson que se encontrava adoentado não deu os resultados previstos. Na segunda parte e quando Mac Pherson apesar de se apresentar com febre entrou em campo, sendo Rooper é que as coisas começaram a correr melhor.

O seu trabalho foi dos mais produtivos. Basta dizer-se que dos seus pés saíram os dois passes matemáticos que proporcionaram os dois golos para a sua equipa.

Na equipa do Corinthians, Bino defendeu quanto lhe era possível. Os golos sofridos não tinham defesa. A defesa com Belacosa e Rubens portou-se à altura. A linha intermédia com Helio Touguinha e Belfart, houve-se p r vezes com acerto mormente na primeira parte quando mandaram no terreno. Touguinha esteve até então muitissimo bem. Nos atacantes Claudio, Edelcio, Baltazar, Nené e Noronha, todos com bonitas triangulações quando a meio

campo, mas ineffazes em frente às redes adversárias.

Mr. Barrick desta vez não foi tão feliz quanto lhe é habitual. No entanto teve a esplendida visão de anular um golo de Baltazar em posição de «fora de jogo» que só o apitador britânico seria capaz de desortinar.

A renda atingiu a verba de Cr\$. 1.095.672,00.

Nestes 3 encontros da temporada do Arsenal as verbas já atingiram a casa de Cr\$. 5.220.159,00.

Continua a falar-se insistentemente na vinda ao Brasil dos seleccionados de Portugal e Espanha a fim de aqui disputarem a eliminatória que está assente para tomarem parte no Campeonato Mundial de Futebol. Os delegados da Confederação Brasileira de Desportos que embarcaram no dia 3 com destino a Amsterdão terão de estudar o assunto com todas as cautelas visto que a eliminação de uma das equipas em território brasileiro acarreta para a Confederação um acréscimo de despesa que deve andar à volta de 1.500 contos, incluindo passagens por via aérea e estadia. Naturalmente que para a Colónia Portuguesa aqui instalada a ideia dos dirigentes brasileiros é digna de todo o elogio e estamos mesmo certos de que os nossos amigos espanhóis que em Portugal por vezes nos batem o pé com um pouco mais de força, aqui não o conseguiriam fazer. Num estádio nacional com capacidade para 150 mil portugueses que serão os presentes para tal encontro, isto se o mesmo se realizar aqui, duvidamos que os seus incentivos não bastem para meia vitória. A outra meia está absolutamente ao alcance dos futebolistas portugueses. Numa cidade em que existem 300 mil portugueses não duvidamos de que nesse memorável dia o Estádio será bastante pequeno para nós. Confiamos pois na vinda da selecção portuguesa de futebol.

Flávio Costa, treinador do Vasco da Gama e da Selecção Nacional Brasileira de Futebol acaba de afirmar que regerá a nomeação para seleccionar a equipa brasileira que tomará parte no Campeonato Mundial de Futebol, motivado por ter sido mencionado na sumula do juiz sr. Malcher da Gama quando tentou agredir-lo depois do encontro realizado entre o Brasil e o Uruguai para a disputa da Copa América. Flávio Costa alega que além da incompreensão do público desportivo que vem apupando os seus seleccionados seja no Rio de Janeiro seja em São Paulo e o motivo da tentativa de agressão a Malcher da Gama por este ter expulso Zizinho leva-o a no futuro só pensar nas equipas do Vasco da Gama.

## VOLEIBOL o jogo que triunfa

O voleibol, jogo que há uma dezena de anos era quase ignorado em Portugal, ascendeu na actualidade à vanguarda das modalidades desportivas que maior expansão possuem. Talvez não seja exagero afirmar que, depois do futebol, é este o jogo com maior número de praticantes em todo o país.

Ao presente temos: vinte clubes em Lisboa, e vinte e seis no Porto, divididos em três divisões; dezasseis no Funchal, seis em Setúbal, quatro em Portalegre e oito em Coimbra. Isto, para contar apenas os distritos onde existem associações organizadas, pois nos Açores — onde está em estudo a criação de associações na Horta, Ponta Delgada e Angra do Heroísmo —, em todo o restante território metropolitano, graças à actividade da Mocidade Portuguesa e até nas colónias (a Associação do Bié está em instâncias de filiação), o voleibol existe, próspero e forte.

O organismo dirigente lisboense conseguiu a cedência do magnifico ginásio do Instituto Superior Técnico para fazer disputar, nos dias de semana à noite, os jogos da primeira categoria da Divisão de Honra. Nestas condições, o publico accorreu numeroso e entusiasta; mesmo entusiasta em demasia, pois manifesta ruidosamente o seu interesse e os seus incitamentos no decurso das jogadas, com evidente prejuizo para a acção dos jogadores, aos quais as evoluções da bola exigem o máximo de atenção e uma concentração ininterupta.

O espectáculo dado por um destes encontros de voleibol é digno de ver-se; a belleza dos lances, a diversidade de jogadas alternadas de ataque e defesa, junta-se o contagiioso calor da assistência, que vibra como nas mais emocionantes fases dos grandes jogos consagrados.

Na semana passada jogaram com grande animação os grupos do Sporting e do Benfica e o entusiasmo dos espectadores atingiu o rubro. Gritou-se de principio a fim, aplaudiu-se generosamente e mais de um milhar de pessoas saiu do recinto conquistado pelo poder envolto do voleibol.

Excelente exercicio fisico, este jogo merece quantos esforços se impõem para seu progresso e divulgação; em Portugal atingiu-se um bom nivel de jogo e se, n muitas vezes mais não fazemos, é não porque, porque nunca, ninguém consegue, em desporto, ser a todos os momentos senhor dos seus gestos e actos, mas também porque a estatura média da juventude portuguesa é inferior.

### Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número . . . . .	2350
3 meses, Esc. . . . .	32550
6 » » . . . . .	65000
12 » » . . . . .	130000

## FALAR DO QUE SE CONHECE

NAS páginas de um mensário português encontramos há dias um artigo cujo autor aproveitou os elementos fornecidos pelo boletim do Instituto Nacional de Estatística para bordar considerações sobre os passatempos preferidos da gente lusitana.

É claro que o futebol figura nos primeiros lugares e prestou-se a que o autor exteriorizasse espírito de duvidoso bom gosto, como se vai ler.

Anotando que o total das cotizações pagas pelos associados dos clubes desportivos durante o ano de 1946, foi de 21.411 contos, o cronista comenta: «Perante tamanha dedicação, traduzida pelo esforço financeiro duma população que se diz ser de modestas posses, são bem de lastimar os revêztes sofridos nas competições internacionais e nas tentativas olímpicas.»

E mais adiante: «Entre os entendidos da bola rebenham discussões sobre o tema — se o futebol deve ser considerado desporto ou espectáculo —. Uns, puritanos ou bem intencionados, apesar do bom dinheiro que pagam para assistir aos jogos, opinam que o futebol é um Desporto com D maiúsculo. E, com uma exaltação conveniente e eficiente que abaje os esforços gularais do opositor, expõem e repletem os seus argumentos durante o tempo que for preciso para vencer o adversário pela argumentação... ou pelo canção.»

Não duvidamos dos conhecimentos do senhor que escreveu estes períodos em matéria estatística ou malabarismo de números; mas somos forçados a verificar por igual que, em questões de doutrina desportiva, possui apenas erradas e rudimentares noções!

A cotização paga pelos associados das colectividades desportivas reverte, indirectamente, em proveito próprio e nada tem que ver com os resultados das nossas competições internacionais; os revêztes sofridos não implicam desbarato das somas recolhidas pelas tesourarias clubistas, as quais são absolutamente alheias.

Quanto à classificação do futebol, sem necessidade de abisar «esforços gularais», é fácil aceitá-la nos dois campos apresentados pelo articulista: futebol é desporto para os que o praticam e é espectáculo para aqueles que assistem das tribunas às suas manifestações. As duas coisas não são incompatíveis e admitem ainda uma terceira hipótese: que seja também o fut. b. s. um assunto especializado do qual é arriscado falar em os que se conhecem números dos boletins oficiais.

# Comentários ao Campeonato de Lisboa

O voleibol é, inegavelmente, o desporto que vem e se impõe. Só o futebol o ultrapassará ainda e número de praticantes e o público, o entusiasmo popular que lhe faltavam enquanto a sua actividade se resumia ao domingo, conquistou-os agora, que os encontros principais se celebram à noite, no ginásio do Instituto Superior Técnico, aos dias de semana.

A assistência nunca falta, exuberante e ruidosa, talvez até em extremo; um jogo de voleibol não pode decorrer no ambiente da geral do Coliseu, em sessão de campeonato de luta. Se muitos espectadores são suficientemente entendidos para saberem que as explosões de incitamento durante os jogos servem mais para prejudicar do que favorecer, perturbando a concentração dos jogadores, muitos outros gritam, assobiam, aplaudem ou protestam nos momentos em que os seus favoritos mais lhes agradeceriam o silêncio.

Parece-nos que os árbitros podiam contribuir para pôr cobro a estes exageros, dirigindo um apelo ao público antes do início das partidas, ou fazendo esperar o serviço quando os clamores ultrapassassem a justa medida.

Também se nos afigura necessário chamar a atenção da entidade organizadora para certo rapaz que costuma instalar-se no balcão do ginásio e a cujo comportamento de autênticos discursos é indispensável pôr cobro, pois com a sua ausência só ganhará o voleibol e a boa ordem do espectáculo.

Ao cabo de quatro jornadas do campeonato, só o Técnico, com a sua intangível autoridade de campeão perpétuo, segue sem derrotas.

O Sporting e o Lisboa Ginásio, cada um com a sua derrota, vão-lhe na peugada; o segundo foi vencido pelo primeiro, numa partida de boa classe e aspiciosa acção dos leões, confirmada dias depois por nova e concludente

vitória sobre o Benfica. O Sporting apresentou-se assim, nas duas primeiras partidas como sério candidato a rival do Técnico, mas sofreu depois pesado desaire ante o Internacional e alcançou sobre o Belenense numa vitória em tão pobre estilo, que os seus créditos desceram bastante. Mais regular, o Lisboa Ginásio está, inversamente, em subida de cotação. Dos cinco restantes competidores é o Internacional quem está melhor colocado, mas deve reconhecer-se que nem as primeiras exhibições faziam prever o seu êxito frente ao Sporting, nem a seguinte o confirmou.

Benfica, Estoril Praia, Belenenses e Ateneu, classificados por esta ordem, embora figurem como pior apetrechados para a árdua luta do torneio, não estão longe do valor dos precedentes e são susceptíveis de provocar, a cada momento, uma surpresa.

João de Eça

## O desporto nas colónias portuguesas

### MACAU

O jogo final da taça Macau de futebol realizou-se no campo 28 de Maio, entre o grupo desportivo da Polícia e a selecção de Caçadores das Beiras, ganhando a Polícia por sete a zero.

### ESTADO DA INDIA

O jogo de exibição de futebol promovido pela Comissão Local de Assistência aos Indígenas da freguesia de Navelim, foi muito apreciado pelo público de Salcete. Os jogadores do «Arpora XI» (uma das melhores equipas de Goa) mostraram-se bem treinados na passagem da bola; «Salcete XI», porém, derrotou-os por 4 golos contra 1.

Campeonato feminino de hóquei — O jogo que teve lugar em Bombaim na semana finda, entre o grupo feminino «Lusitanian Sports Club» e «Bombay Greys», terminou por empate 0/0. A segunda equipa tinha derrotado a primeira, nos torneios antecedentes, por 7/0 e 5/0.

Mas desta vez as jogadoras goesas exibiram um jogo de destaque que causou espanto e admiração na numerosa assistência, sendo de salientar as poderosas defesas, sobretudo a direita, Esmé de Sousa, e a guarda, Assunção Mascarenhas.

O «team» goês alinhou do seguinte modo: Assunção; Esmé de Sousa e Rosa de Sousa; Mavis Bragança, Pamela de Sousa e Carmen de Sousa; Mary de Sousa, Cecília de Sousa, Jessie de Sousa, Evelyn de Sousa e Elsa de Sousa.

### MOÇAMBIQUE

No Campo Silva Pereira, literalmente repleto de assistência, efectuou-se o torneio relâmpago para

a disputa da taça «Páscoa», cujo produto reverteu a favor da Caixa de «Auxílios da Associação de Futebol de Lourenço Marques». Jogaram cinco turmas de futebol: Sporting, Malhangalene, Desportivo, Indo-português e Ferroviário. A vitória final pertenceu ao Desportivo.

Na sede do Sporting realizou-se uma reunião do seu conselho técnico de atletismo para se estudar a possibilidade de trazer até nós uma equipa universitária do Transvaal do Sul. O torneio inclui as seguintes modalidades: 100 metros, 400 metros, 1.000 metros, 1.500 metros, saltos em altura e em comprimento, lançamento de disco e dardo. Em princípio, assentou-se na data de 10 de Junho, feriado nacional, para esta competição.

O Centro de Instrução Especializada de Vela da Mocidade Portuguesa, vai realizar um

grande festival náutico para comemorar a passagem do 6.º aniversário da sua actividade. O programa compreende: regatas da classe «snipe» entre o Clube Naval e a Mocidade Portuguesa, e regatas da classe «sharpie».

### ANGOLA

«O Diário de Luanda», de 17 do mês passado, refere-se com o maior interesse à notícia de que o Futebol Clube do Porto está a promover, na Metrópole, às diligências necessárias para uma projectada viagem a Angola e Moçambique.

Segundo consta, a direcção do Sporting Clube de Luanda está elaborando um grandioso programa comemorativo do 26.º aniversário da sua fundação, que passa no próximo mês de Agosto.

Estas festas terão a abrilhantadas a presença, possivelmente, de equipas de futebol de além-fronteiras, que aqui jogarão em 28 de Agosto e 4 de Setembro.

## O Sport Club União Torreense vai festejar o seu 32.º aniversário

O Sport Club União Torreense vai comemorar o 32.º aniversário da sua fundação. O acontecimento é sempre assinalado na região com regosio, comprovando a simpatia e o entusiasmo que é dedicado à colectividade, cuja actividade desportiva assinala uma existência de merecimento a par de constituir o clube um digno representante do desporto torreense.

Está já elaborado um belo programa desportivo. No próximo dia 5 desloca-se a Torres Vedras o team de honra de «O Elvas» que disputará um encontro com o

União Torreense. Nesse mesmo dia efectuam-se duas importantes provas de ciclismo: IV circuito de Torres Vedras, em 2 etapas, sendo a primeira a volta ao concelho (70 quilómetros) e a 2.ª o Circuito da Vila (30 quilómetros).

Na noite desse dia um banquete de confraternização assinalará a festiva data.

No dia 12 de Junho a prova de atletismo «Léguas Popular do Concelho», a de pombos Caldas-Torres e a «2.ª Grande Gincana Automóvel de Torres Vedras», põem termo às comemorações.



BÉLGICA



ESPAÑA



ITALIA



Uma jogada a meio do êriska com Olivério a «cortar» uma avançada espanhola

# PORTUGAL

ASSISTE PELA 2.ª VEZ  
AO CAMPEONATO MUNDIAL DE  
HOQUEI EM PATINS



A Espanha foi feliz com a Suíça. Venceu por 2-0, graças ao trabalho da sua defesa, que aqui dificulta o trabalho de Mollenei



Vários jogadores da França, vencedora da Inglaterra, preparam o ataque à baliza britânica. Mas os adversários estão atentos



Portugal ataca a baliza belga. Correia dos Santos conduz a ofensiva



Uma avançada dos portugueses — por entre todo o grupo espanhol — é aproveitada por Correia dos Santos para fazer gol



Depois de uma corrida vertiginosa, e com a bola no ar, Jesus Correia marca o melhor gol da noite.



HOLANDA



SUIÇA



FRANÇA



INGLATERRA



Dois médios magníficos. O português Sidónio e o espanhol Serras

Fotos JOSÉ MONTEIRO



# GUILHERME MARTINS

vencedor de Júlio Neves, ao 3.º «round»

é o novo campeão de «médios»

O pugilismo profissional português encontra-se em ponto-morto por falta de bons praticantes e por motivo da orgânica defeituosa e arcaica que rege a modalidade.

Nestas condições é sempre difícil elaborar programas atraentes, variados, cujos componentes se defrontem sem desvívio de probabilidades, ao contrário daquilo que presenciámos no Coliseu dos Recreios, na noite de quarta-feira última.

Os dois *matches* principais, entre Bení Levi e David Ferreira, por um lado, e entre Guilherme Martins e Júlio Neves, do outro, não prometiam grande coisa, antecipadamente. A experiência e poder de golpe do moçambicano, bem como a superioridade da sua técnica — desde a mobilidade dos membros inferiores, aos recursos na execução dos golpes — tudo convergia para se crer na repetição do resultado de Braga, quando Levi dispôs Ferreira por *knockout*. Do mesmo modo, tantas eram as vantagens físicas de Neves sobre Martins, principiando no peso e passando pela envergadura, estatura, força de soco, etc.,

que discordávamos da permissão de semelhante «match», contrário à própria índole dos desportos de combate, onde se busca igualdade tão grande quanto possível dos jogadores em presença.

Ora sucedeu que nos equivocámos a respeito de tais desníveis. Não só Ferreira replicou com êxito a Levi, como Martins soube conter o adversário e respondeu com autoridade a todos os golpes duros que lhe foram endereçados.

Uma consequência podemos tirar desde já, que se resume nisto: não se devem formar anteciplos juízos sobre os resultados de quaisquer competições desportivas, nem sobre a feição provável dos acontecimentos. Em desporto há sempre uma grande incerteza, que é o mais atraente dos múltiplos factores de influência decisiva.

O primeiro combate da noite opôs Moisés Rocha e Amadeu Brandão, sob a vigilância de José de Araújo.

Moisés não podia apresentar-se convenientemente preparado,

quando que nos últimos tempos se conservou afastado do meio. Foi combatido, mas cedo lhe começaram a faltar as forças. No 5.º assalto esteve duas vezes na lona e no 6.º e último voltou a cair. Brandão popou-o visivelmente e o árbitro fez vista grossa a muita coisa.

A vitória, por pontos, do pupilo de Francisco de Brito foi justa.

Levi e David Ferreira mediram forças em 8 assaltos. Após grande demora na colocação das luvas e ligaduras, Ferreira tomou a iniciativa com jabs ao rosto e um ruído de hock ao nariz, sacudiu Levi que perdeu o assalto.

No 2.º, o moçambicano, reagindo bem, levou a melhor e marcou nitida vantagem no 3.º período. O quarto foi furiosamente disputado, mas um pouco desonxotamente, também. Embora esgotado, Levi domina no *round* seguinte, perdendo o sexto período. O sétimo é duro e as situações de crise alternam-se, acabando Ferreira o derradeiro assalto com superioridade.

A decisão do árbitro, o empate, contentou os dois campos. Rigorosamente, isto é, levando em

conta os assaltos ganhos e perdidos, Levi merecia a vitória por margem escassa mas o aspecto global da pugna concorda com o veredicto.

O desafio entre Guilherme Martins (67,400) e Júlio Neves (72,800) foi arbitrado por Edmundo Pereira, e teve como juízes, Rodolfo Pereira e José Araújo.

Martins tomou a ofensiva e procurou combater a meia-distância, alvejando de preferência o rosto de Neves. Este mostrou certo receio, tapando o maxilar, e procurou atingir Guilherme com violentos suingues que o barcelense acusava visivelmente. No 2.º período Neves partiu em furacão e alcançou o olho esquerdo de Martins com força. A batalha franca dura alguns segundos, saindo Guilherme em inferioridade. Há uma troca de golpes rijos e o barcelense acusa outro soco ao queixo, mas o tímbre salva a situação.

O terceiro *round* principiou com vantagem para o moçambicano e novamente Martins manifesta sentir o *punch* do contendor. Num contra-ataque, que se segue, Neves é atingido no sobrolho esquerdo e começa a sangrar abundantemente, mas nem por isso deixa de procurar a vitória por K-O. Martins é tocado com dureza e acusa os golpes mas reage em seguida, recuperando muito bem.

No intervalo, por manifesta inferioridade física de Neves, o combate é suspenso, sendo Martins proclamado campeão de Portugal de «médios».

A fechar o programa, Julio Martins ganhou a Pedro Silva, por pontos, em 6 assaltos. Resumido: uma sessão regular mas pouco concorrida.

R. B.

## COMO SE DEVE JOGAR FUTEBOL

Por WILF MANNION

### O treino em geral

**N**INGUEM pode ser bom, seja em que for, sem aplicação e habilidade, e isso aplica-se tanto ao futebolista como seja a que profissão for. Um jogador nunca se pode considerar satisfeito nem julgar que sabe tudo. Não há um só jogo em que ele não seja posto à prova, uma vez ou outra, e isso convem-lhe para o manter sempre em forma.

Não pode haver uma regra exacta e firme para os treinos. Mas pode haver regras estritas para o empenho normal de forma a ter-se sempre boa saúde. Após um desafio no sábado os jogadores não são habitualmente chamados à sede do clube, para informações, senão na terça-feira.

Mas há todos os motivos para se empregarem os domingos e segundas-feiras para os jogadores não perderem a forma. Um treino físico de meia hora, em sua própria casa, no domingo de manhã, seguido de um breve passeio de alguns quilómetros, serve à maravilha para restaurar os músculos entorpecidos.

A segunda-feira deve ser também empregada dessa forma e depois na terça o treinador do clube toma a seu cargo o que diga respeito à especialidade. Isso quando o método individual de treino é praticado, pois que um treinador deve saber ao certo quais os métodos que mais convêm aos seus jogadores.

Mas o jogador pode também contribuir, de certa forma, treinando afinadamente. Pessoalmente não acho nada melhor em tempo frio do que uma corrida, saindo das cabines e lançando-me

na pista. Primeiro 25 metros violentos, depois 25 metros de passeio, 25 metros sem se forçar e assim sucessivamente, sem parar durante uma meia hora. A mudança de rapidez é suficiente para tornar o exercício interessante a quem quer que cuide da sua condição física.

Há que tratar em especial da corrida. É nesse exercício que o jogador consegue a arrancada veloz que é tão essencial no jogo. O futebolista que consiga ganhar uma pequena distância em alguns metros está bem lançado para ascender ao mais alto plano, desde que possua também domínio de bola.

Penso nesta altura em Stanley Matthews que consegue vencer os defesas adversários, ganhando-lhes um metro e sem esforço, só na rapidez da arrancada inicial. Esta rapidez inicial é digna de com ela se perder algum tempo.

E o trabalho de bola que é muito importante, não deve ser esquecido. Levo sempre comigo pelo campo uma bola, desde que me seja possível e indo com alguns colegas, corremos com ela passando-a mutuamente, cobeçando-a, dominando-a e acabando a corrida com um pontapé à baliza.

Tudo isso é muito simples. Mas é preciso fazê-lo sempre. O cuidado no treino leva o jogador ao cuidado no desafio. É preciso cuidar convenientemente da bola e dominá-la eficazmente. Sempre que se chuta, mesmo para o vago, é preciso chutar com a maior precisão possível. Em poucas palavras, é preciso tornar o nosso trabalho de bola, no treino, tão correcto como se estivessemos no campo em jogo.

O treino conveniente não tem nada que seja enfadonho. Há todavia um ponto que devemos recordar e é que só um massagista competente deve tocar nos jogadores. Ser tratado por alguém que não seja um técnico pode causar muito mal.

Recomendo instantaneamente a todos os jogadores que pratiquem o golf. É o melhor jogo possível para o jogador de futebol. Tem todo o exercício possível, calmamente e sem pressas, auxiliando-o a manter-se em forma.

A parte do treino, na vida de um jogador, se for inteligentemente orientada, é uma fonte de prazer, e ao mesmo tempo é absolutamente essencial, tendendo, como tende, para conseguir um elevado nível na profissão que escolheu.

## PORTUGAL

## venceu a França

por 7-6

(Continuação da pág. 5)

Esta meia hora foi a melhor do encontro; jogou-se bem, rápido, viril mas lealmente. Ambos os grupos se empenharam a fundo, mas os portugueses mereciam maior vantagem.

No segundo meio-tempo a fadiga e o nervosismo imperaram; de qualquer dos lados cometeram-se faltas em demasia e, a certa altura, jogamos nove contra onze por saída temporária de Mira e Serafim.

O primeiro ponto fez-se ao quarto de hora e foi de terceira igualdade, num livre de Winter. Mas aos 20 e 22 minutos Costa Pereira e Campos deram-nos uma vantagem que só a minuto e meio do fim veio a ser reduzida, noutra livre de Winter.

Pontuação final, portanto, 7-6. A selecção portuguesa deu boa conta de si; sem os deslizes de Délio, que teve tarde sombria, e sem duas grandes penalidades perdidas, a marca teria sido mais expressiva e, também justa.

O guarda-redes português teve uma única intervenção difícil, ao passo que Mitchell Rocheperre se creditou de excelente trabalho com intervenções desesperadas.

O melhor homem do sector defensivo foi Macars, devendo acrescentar-se que Abílio Serafim teve a tarefa ingrata de marcar o possante e veloz Winter (22 s. nos 200 metros), que foi um caso sério.

Os dois médicos de ataque excelentes, com primazia para Campos, um dos melhores em campo. Sempre na defesa e no ataque, tanto ele, como Nunes desempenharam a sua missão como «portuguesinhos valentes».

A linha avançada, onde alinharam seis homens: Fabão, Pires, Costa Pereira, Montalvão, Fonseca e Neves, excedeu a nossa expectativa. Costa Pereira, a agir de martelo-pilão; Luis Neves, subtil a conduzir jogo, sempre em acção e Pires, no seu modo voluntarioso merecem ser destacados.

A equipa francesa, forte bloco defensivo, ataque possante e hábil na desmarcação, mostrou o andebol do novo conceito nórdico, longe porém da perfeição dos suecos ou dinamarqueses. No conjunto e no total da partida jogaram mais do que em Niort, mas esbarraaram agora num conjunto mais sabedor que conseguiu arrancar-lhes o triunfo há um ano ingloriamente perdido.

O árbitro espanhol Arcé fez bom trabalho; equilíbrio no julgamento, autoridade e conhecimento.

José de Gça

## O Grupo Desportivo Estoril-Praia

comemora dez anos de existência, durante os quais tem desenvolvido excelente actividade

**O** Estoril — o ponto principal da nossa mais bela zona de turismo — tem um grupo desportivo, o conhecido Estoril-Praia, que está agora a comemorar o 10.º aniversário da sua fundação.

Em dez anos de fértil actividade social e desportiva, o Grupo Desportivo Estoril-Praia conquistou, com absoluto merecimento, lugar de relevo no nosso meio desportivo. O programa traçado à data da fundação tem-se engrandecido. A directriz seguida impõe-se como exemplo: cuidada atenção pelos princípios sociais — a cultura física e a cultura do espírito caminhando em constante ligação, para benefício de centenas de portugueses.

Os estorilenses orgulham-se do seu grupo desportivo com inteira razão. O Estoril-Praia impõe-se pelo seu valor desportivo, que indica melhoria de actividade e constante desejo de se valorizar.

Dez anos de actividade traduzem firme desejo de honrar o desporto português. Tem-no conseguido o Grupo Desportivo Estoril-Praia.

## Um animado festival de natação

Resultou excelente, tendo mantido sempre interessado o numeroso público que accorreu a presenciá-lo, o festival de natação disputado na noite de sábado, o qual mereceu, também, a reabertura da piscina, agora mais alegre e mais bonita, depois dos melhoramentos por que passou.

O festival agradou plenamente. Provas muito bem disputadas, elevado número de concorrentes, público sempre muito interessado e, acima de tudo, a agradável presença de muita gente nova. Matéria prima não falta, pois, ao Estoril-Praia. As provas decorreram em bom ritmo, dirigidas pelo treinador do clube, Azinhais dos Santos.

Em resumo: valeu a pena a deslocação ao Estoril — e somos o único jornalista presente na reunião natatória do progressivo clube da Costa do Sol.

O festival começou com a disputa dos 36 metros-livres, rapazes infantis, que Manuel Matos (16 s.) venceu muito bem, aplicando-se com enorme energia. Joaquim de Almeida (27 s.) e Pedro d'Argent (29 s.) nos lugares de honra.

## Carlos Campanela ganhou a taça «Dr. Cezar Moreira Baptista»

Muito animada, dado o equilíbrio verificado entre os quatro concorrentes, a prova de 108 metros-brunços, clássicos, que proporcionou a Carlos Campanela excelente triunfo, depois de apertado duelo com Rogério Fragata. Os «tempos» são expressivos: 1 m. 37,5 s. e 1 m. 38 s., respectivamente. Aliás, foi meritório o comportamento de todos os participantes: Manuel Moniz (1 m. 39,5 s.) e Albano de Oliveira (1 m. 40 s.), que

até aos 54 metros se bateram em pé de igualdade.

Os Intelados disputaram, depois, 54 metros-livres. Prova muito renhida ganha sobre a meta por Luis da Costa por um décimo de segundo. Como bonito foi o duelo travado por Odete Maria Nobre e Maria Fernanda Ferreira, também em 54 metros-livres, que a primeira venceu com brilho, conquistando, assim a taça «Miguel Lourenço».

## O futebolista Alberto Jesus conquistou a taça «Raúl Sbarra»

Curiosa a inclusão de uma prova de 36 metros-livres reservada a jogadores de futebol, que o público acompanhou, como é natural, com extraordinário entusiasmo. Foi seu vencedor, caso curioso, o capitão da equipa, Alberto Jesus (25,2 s.) que se aplicou com muita energia e entusiasmo, seguido de Gonzaga Ribeiro (27 s.), Raúl Silva (31,5 s.) e Casiano (32,4 s.).

Os 74 metros-livres, homens, proporcionaram nítido triunfo a Joaquim Chagas (51,9 s.). A luta mais apertada travou-se, no entanto, para o segundo posto, entre Mário Ivo de Sousa (56,5 s.) e Pedro de Almeida (56,6 s.).

Na distância de 18 metros-livres, os mais novos lutaram para a taça «Escolas-rapazes». Fizeram-no com o entusiasmo que é peculiar aos nadadores de palmo e meio. E a vitória sorriu a Vítor Manuel Alves, em 14,9 s..

## Para Artur Mendes Silva as taças «Eng. Baptista Coelho» e «Mário Simas»

O «internacional» Artur Mendes Silva, nadador eclético de largos recursos, fez a figura mais saliente da reunião, averbando, com inteira justiça, dois belos triunfos. Nos 108 metros-livres — que cobriu em 1 m. 17 s. — venceu bem Belmiro Santos que, aliás, teve comportamento meritório. Nos 108 metros-costas, Artur Mendes Silva, além de exibir o seu «estilo» correcto e agradável, venceu folgadoamente em 1 m. 22,9 s. José Rosado cobriu o percurso em 1 m. 29,2 s. e Santana Alves não foi além de 1 m. 38,7 s.

Outra prova muito bem disputada e que despertou vivo interesse no público foi a de 54 metros-mariposas que Rogério Fragata (42,1 s.) venceu com indiscutível brilhantismo, depois de luta apertada com Carlos Campanela (43,8 s.) e Vasco Ribeiro (44,1 s.). Em idêntica distância, mas em brunços-clássicos, José Velás da Cunha e Carlos Desmet lutaram palmo a palmo, decidindo-se a prova sobre a meta por um décimo de segundo. Marcas respectivas: 49 s. e 49,1 s.

E citemos ainda, para terminar a bonita vitória de Maria Fernanda Ferreira nos 36 metros-costas, seniores, e os percursos de Maria He-

## A Volta a Portugal

**F**oi já anunciada a organização da «Volta a Portugal» em bicicleta, a mais popular, a mais desejada de todas as competições desportivas disputadas no país.

Durante a sua passagem, de norte a sul e de sul a norte, toda a população portuguesa vibrará de interesse pelas suas peripécias, acompanhará apaixonada a peregrinação dos corredores; em todas as localidades onde a caravana faz paragem, haverá dia de festa, em muitas o dia da festa grande do ano e em quantas mais, onde da prova apenas ficará a rápida passagem de um pelotão de homens pedalando como se levassem o diabo atrás, tanto basta para que seja esse o minuto máximo do entusiasmo; o instante de que se falava antes e de que se falará até muito depois.

A corrida ciclista da Volta a Portugal foi sempre e sempre continuada sendo um dos mais poderosos factores da propaganda desportiva; por seu intermédio o desporto ascende às primeiras páginas de todos os jornais, instalando-se no pensamento de milhões de portugueses.

Da popularidade dos seus participantes, atletas e colectividades, beneficia o êxito da prova, mas não menos verdadeiramente e que do interesse e da expansão da Volta beneficiam largamente os participantes, individuais ou colectivos.

Para os clubes, a Volta é preciosíssimo elemento de propaganda, levando o prestígio das suas camisas aos quatro cantos do território nacional, aquecendo assim o entusiasmo dos seus adeptos, e fortalecendo a solidariedade clubista dispersa pelo país e para a qual ela é o único pretexto para directo contacto com a representação do ídolo distante.

Formulemos votos para que este ano a Volta não falhe às suas melhores tradições: de completidade e que, esquecendo rivalidades estereis e despeitos inúteis, lhe dêm colaboração todos — sem excepção — quantos no passado inscreveram seu nome glorioso nos anais da grande corrida, lhe são indispensáveis para que Ela seja Ela e por cujos representantes, cujas camisolas prestigiosas, multos milhares de adeptos esperam conchados em todos os recantos da provincia portuguesa.

Iena Andrade Baptista — uma verdadeira promessa — e de Aristides Bastos e Miguel Amorim.

Terminadas as provas, efectuou-se a distribuição dos prémios; taças dos vencedores e medalhas a todos os participantes, cerimónia para que a direcção do Estoril-Praia teve a gentileza de convidar o signatário.

Abreu Torres

# O SPORTING

dominou o CORUNHA



Os dois capitães trocam galhardetes



Em cima: Desportivo da Corunha — último adversário do Sporting. Ao lado, Acuña, decidido, não evita o 2.º golo do Sporting, marcado por Vasques. Em baixo: Peyroteo está a preparar o remate...



## ESTORIL-ACADÉMICA

O ataque coimbrão não passa...



Uma defesa de Estoril



## OS FINALISTAS DE 1939

Jogaram recentemente em Coimbra os finalistas da «Taça» em 1939: Académica (vencedora) e Benfica, cujos «teams» apresentamos, tal como foi possível, formar, presentemente.

## Belenenses-Barreirense



Nas Salésias, em jogo amigável, distaram um encontro o Belenenses e o Barreirense. Registou-se um empate a duas bolas. O nosso cliché: Uma defesa de Francisco Silva — guarda-redes barreirense.

# ACTIVIDADES DA F. N. A. T.



N.º 1 — Equipa do G. D. da Casa H. Vaultier & C.ª (Lisboa) finalista na 1.ª categoria do Campeonato Nacional de Futebol que terminou com um empate 1-1 após prolongamento depois dum jogo bem disputado e com fases de bom futebol, tendo que ser repetido. *Da esquerda para a direita:* no 1.º plano: Arlindo Leite Sousa, Franco, Carvalho e Amílcar. No 2.º plano: Gomes, Tamagnini, Costa, Silvério, Santos e Sidónio.

N.º 2 — Equipa da F.ª de Cortumes Paulo da Silva Ranito (Porto) representante do Norte no Campeonato Nacional de futebol (1.ª categoria) que empatou na final com o grupo de Lisboa. *1.º plano da eq.:* Pompeu, Luzia, Domingos, Róla e Orlando. *2.º plano:* Rodrigues, Louro, Marcelino, Anzelo, Esteves e Francisco. N.º 3 — O «goal» obtido pelo Grupo da F.ª Ranito em

conclusão dum «canto» que o guarda-redes da Casa Vaultier não pôde deter. N.º 4 — A equipa do G. D. de «A Ideals» Ld.ª, vencedora do Campeonato Nacional de Futebol (2.ª categoria). *No 1.º plano e da eq.:* Victorino, Cação, M. Mata, J. Francisco e Candelas. *No 2.º plano:* Bandeira, Coelho, J. Dias, Simões, Caetano e Mendes. N.º 5 — Equipa do C. A. T. n.º 50 que ficou vencedora colectivamente no Campeonato Nacional de Tiro com um total de 414 pontos: *Da eq. para a direita:* Maria Manuela Froufe, Ema Zita Tapada e Maria Amélia Castro. N.º 6 — Ivone Moraes Araújo (indiv.) que se classificou em 1.º lugar no Campeonato Nacional de Tiro (feminino) com 147 pontos, à distância de 50 metros, num máximo de 160 pontos.



Fotos RUIZ



Uma conferência de  
**TAVARES da SILVA**



## O BENFICA homenageou os seus sócios

Promovido pelo jornal «Sport Lisboa e Benfica» efectuou-se o jantar de homenagem aos sócios do popular clube com mais de 25 anos de associados. *Em cima:* Um aspecto da mesa de honra onde se vêem: Major Ribeiro ds Reis, Rebelo da Silva, Homem de Figueiredo, Herculano Santos, Manuel Afonso e Francisco Retorta.



Na sede do Benfica foi colocada uma fotografia do grupo do Torino — uma homenagem que perdurará para sempre a memória dos malogrados jogadores. *Ao lado:* Francisco Ferreira desceira a fotografia. *Em cima:* Maximiano Vargas referindo-se ao significado da homenagem.

O nosso querido chefe da Redacção, dr. Tavares da Silva, esteve no último sábado na sede do Clube Operário de Futebol, onde proferiu uma notável palestra. Falando de improviso, dando provas constantes do seu génio moço e alegre, o dr. Tavares da Silva prendeu a numerosa assistência com a sua maravilhosa lição sobre coisas do futebol, cujos segredos conhece como ninguém autorizado que é.

O nosso distinto camarada foi apresentado pelo sr. dr. José Marques Catarino, presidente da assembleia geral do Operário, simpática agremiação do bairro da Graça, e a ele se referiu também em termos amigos o sr. Costa Almeida, presidente da Direcção.

No final da sua palestra, recebeu Tavares da Silva fartos e justificados aplausos da numerosa assistência.

# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## Boxe

«No Palácio Rubens, d'Anvers, o jovem e esperançoso pugilista francês Charles Humezt derrotou o português Rafael da Silva, exibindo um estilo cheio de inspiração e brio. Verdaderamente, o combate principiou a tomar aspecto definitivo no primeiro assalto, quando o caboverdeano, surpreendido por um forte golpe da direita ao maxilar, caiu na lona e ali se manteve um segundo.

«O efeito desse golpe durou todo o encontro. Silva, colhido a frio, jamais se refez, evidenciando pouca agilidade de pernas. O seu rival atacou de preferência o estomago e flancos, terminando os seus ataques sobre o rosto do português.

«A inteligência e a matreirice de Rafael não puderam vir a lume. Desde o 3.º período actuou com o olho esquerdo fechado mas conseguiu igualar-se a Humezt em 4 assaltos e ganhar o oitavo, mas nunca fez obstrução, mostrando-se valente até final.»

«Nestes termos se refere o cronista do diário *L'Equipe* ao trabalho do nosso compatriota.

«Jo e Maxim é o novo campeão de semi-pesados dos Estados Unidos. Para o efeito derrotou por pontos (12 assaltos) em Cincinnati o antigo titular, Gus Lesnevich, cuja decadência é notória.

«Em Buffalo, Lee Oma bateu o europeu Joe Weidin por pontos (10 assaltos) depois de um combate em que mostrou superioridade.

«Villemain conseguiu triunfar de novo nos Estados Unidos. Oposto a Peter Mead ganhou o combate por pontos, em Nova York.

«Livio Minelli, campeão europeu e italiano de semi-médios, obrigou o árbitro do seu *match* com o americano Rocco Rossano a intervir ao 4.º assalto e conceder-lhe a vitória.

«Em Newark, Tony Janiro pôs fora de combate ao 3.º round o italiano Mario Marino.

«Na Europa, o pugilista António Ruiz, actuando em Palma de Mallorca, bateu por escassa diferença de pontos o nosso conhecido Young Ciclone, mas a decisão foi protestada pelo público.

«Em Bordeus, Ruy Famechon derrotou por pontos Frank Herma, depois de um vivo combate.

«Bill Thompson, campeão britânico e europeu de peso-leve conservou ambos os títulos ao vencer, em Glasgow, o pretendente, Harry Hughes, por suspensão ao 5.º assalto.

«O combate entre Fred Mills e Bruce Woodcock, para o título inglês e europeu de todas as categorias, vai realizar-se brevemente em Inglaterra.

## NOTA DA SEMANA

**A**S façanhas desconhecidas apregoadas pelos caçadores e outras menestres de gatilho — uns, simples, ingenuos, partindo malinalmente para estoirar carluchame sobre perdas caulelosas, outros, façanhudos Tralarins, gabando-se de meler na tris do primeiro leão um projecil imperdoável — podem escalonar-se segundo diferentes diapasões, falsos ou verdadeiros consoante o grau de verosimilhança.

Robin Hood, Guilherme Tell, Buffalo Bill, Texas Jack e tantos heróis lendários, apregoados pela pena inspirada de Walter Scott, de Schiller ou Bret Hart, cometeram proezas que a imaginação popular exagerou tornando fantásticas. Mas, na actualidade, existem autênticos ases, seguros de acertarem no coração de um alvo vezes sem conto e sob a vigilância aperçada de júris competentes, que se não deixam subornar ou ludir.

A prova decisiva do Campeonato do Mundo de Tiro entre profissionais, acabada de levar a efeito em Nova York, deu origem ao mais inacreditável dos duelos, cujos protagonistas revelaram talento excepcional de pontaria, domínio de nervos e resistência.

Um deles, o americano Dyson, destacou-se desde os primeiros disparos, mas logo o outro, Reger Touchard, francês, se revelou competidor tão sereno e certo como ele próprio.

No meio de grande expectativa e algazarra da assistência ambos foram averbando sucessivas «mouches» até só fallar um tiro. Já havia cento e noventa e nove disparos feitos, ou o mesmo é dizer que a pontuação de cada um totalizava a cifra magnífica de 1.990 pontos, quando se entrou na última tentativa.

Dyson descontrolou-se: fez um none. O francês manteve-se senhor de si e furou o centro do alvo, conseguindo 2.000 pontos num máximo possível de outrolanto.

O silêncio que tombara sobre os concorrentes no momento psicológico desfez-se para dar lugar a uma trovada de aplausos. A proeza do concorrente francês, vencedor por um ponto só sobre a «linha de chegada», e tendo de totalizar o máximo possível, foi na realidade um assombro.

Quem não resistiu foi a esposa do vencido. A sr.ª Dyson, assim que a derrota do marido se anunciou, caiu inanimada com uma síncope.

Felizmente, o desfecho melodramático não redundou em tragédia e a dama voltou a si, mas estas emoções sacodem o organismo humano fortemente, nem sempre de modo benigno.

Acerca do episódio, nem-nos à lembrança Guilherme Tell e as palavras do bailio austriaco Gessler, que impôs ao frecheiro suíço a célebre e desumana experiência da maçã. Reproduzindo aqui a definição que o poeta Schiller pôs na boca do segundo «o verdadeiro campeão não é o que pode acertar no centro do fruto mas o que está sempre apla a fazer-lo e cujo coração nunca influi, nem no golpe de vista nem na firmeza do pulso».

Aqui fica a definição exacta do mérito, permitindo joear os valores absolutos e separá-los dos relativos, mesmo quando estes forem grandes e admiráveis.

**R**AFEL DA SILVA, finalista do torneio de Anvers, reservado a jogadores de soco da categoria de meio-médios, presenciou um episódio assaz bizarro. Os partidários e conterrâneos de seu adversário, Charles Humezt, vieram desde Hénin-Liétard em dois camiões especiais, para animar o favorito, embora duvidando do caprichoso Destino.

Assim que o árbitro assinalou a vitória de Humezt, o conjunto delirou e pôs-se a enloar em cântico o hino regional nordista, que tem por título «Le Petit Quinquin».

Silva deve estar contente com esta manifestação de aplauso indirecto. A alegria do resultado, afinal, é a consagração indirecta do seu mérito. Disse outrora um belo espírito francês que só as vilórias cheias de perigo correspondem aos triunfos gloriosos.

Assim foi, neste caso. Rafael da Silva perdeu mas vendeu cara a derrota, para consolo de todos os portugueses.

Rafael Barradas

## Futebol

As meias finais da Taça de Espanha, realizadas respectivamente em Bilbao e Barcelona, determinaram a eliminação dos clubes catalães Barcelona e Espanhol. No primeiro desafio, Barcelona derrotou Valência por 3-2, mas como perdera a primeira mão por 4 bolas a 1, safu da prova. No segundo desafio, o Atlético de Bilbao ganhou ao Espanhol por 6-2, confirmando a vitória anterior que conseguira por 2-1.

A final do campeonato disputou-se no último domingo em Chamartin. O Valência, que tem certo faezat pela «Taça», ganhou ao Atlético de Bilbao por 1-0.

Actuando na Corunha, o Burnley perdeu por 3-2 contra o Desportivo da Corunha e o Arsenal, jogando em S. Paulo contra o Vasco da Gama saiu derrotado por 1-0.

A Checoslováquia perdeu em Bucarest contra a Ruménia, por 2-0; a Itália venceu a Austria por 3-1 e a Inglaterra derrotou a França por igual resultado.

## Ciclismo

Está em curso o Giro de Itália, no qual participam os melhores velocipedistas transalpinos. A quarta tirada, entre Cosenga e Salerno, foi ganha pelo populor corredor Fausto Copp', bastando Leoni na reta de chegada. A classificação presente é a seguinte: 1.º Giordino Cottur, com 29 h. 42 m. 18 s.; 2.º Fazio.

Coppi e Bartali seguem em 7.º e 13.º lugares respectivamente.

## Ténis

Aproxima-se do fim o campeonato internacional de Paris, prova clássica que serve para classificação dos melhores tenistas de todo o Mundo.

Encontram-se apurados para as meias-finais da competição individual, os tenistas Ricardo Gonzales, Budge Patty, Eric Sturges e Frank Parker, isto é, três americanos e um sul-africano. Nos quartos de final, Gonzales eliminou Marcel Bernard, em quatro partidas; Patty fez outrotanto ao italiano Cuccelli; Sturges derrotou Abdesselam em três e Parker venceu o sudeslavo Mitic, de igual maneira.

Prevê-se uma final entre Gonzales e Parker, com o triunfo decisivo do primeiro.

## Basquetebol

Na cidade de Cairo (Egito) efectuou-se o campeonato da Europa de «bola ao cesto», simultaneamente com o Congresso Internacional da F. I. B. A. A concorrência foi escassa, pois somente compareceram sete países, e a Checoslováquia não participou do torneio.

Em primeiro lugar classificou-se o Egito, seguido da França.

# Stadium

## na capital do Norte

### O F. C. DO PORTO PERDEU EM AVEIRO

O Beira Mar de Aveiro recebeu no último domingo a visita do F. C. do Porto. Ganhou por 1-0. Os azeiteiros atacaram o jogo com todo o entusiasmo, reconhecendo que o adversário era de melhor categoria, e o resultado corresponde ao seu bom esforço.

Parece aos adeptos que o resultado traduz uma exibição inferior do grupo portuense, a quem faltaram os seus médios de ataque. Todavia, diga-se que os azeiteiros sabem lutar no seu ambiente, como ainda há pouco demonstraram, ganhando também aos austríacos do Vienna. O F. C. do Porto é que precisa de vencer em todos os terrenos. Do contrário — provará a sua irregularidade...

### O SUCESSO DESPORTIVO E FINANCEIRO DO PORTUGAL-FRANÇA

O Porto viu no domingo um jogo internacional: Portugal França em andebol. Ao Estádio do Lima foram perto de 10.000 pessoas, o que seria impossível conseguir nesta altura nos campos lisboetas. Esperava-mos isso mesmo. Qualquer boa organização que a Federação Portuguesa de Andebol queira fazer no Porto — é correspondida.

Pena é que na capital do Norte não haja um campo capaz de ser contemplado com um jogo «internacional» de futebol. Para que a gente do Porto possa ter essa honra — terá de se deslocar para Lisboa...

### E A PROPÓSITO DE ESTÁDIOS...

O F. C. do Porto, que nas últimas épocas deu certo jeito ao «seu caso», ainda não viu o velho problema resolvido e nem sequer em caminho de boa solução. Continua a utilizar o seu rijo terreno, os dias vão passando — e mais nada.

Temos sincera pena. No dia em que o F. C. do Porto possuir instalações condignas, será de facto grande. De contrário, ver-se-á «amarrado» a todas as inconveniências próprias de um clube que tem público, atletas e... não possui espaço vital para os seus vãos.

Pedir pr. vidências? A quem? A única verdade é aquela que «todo o mundo» conhece: — os campeões tem a Constituição e... vivem na esperança de conseguir alguma coisa mais.

### O ÓQUEI EM CAMPO

### E O CAMPEONATO NACIONAL

Aconteceu aquilo que sempre temos afirmado: concluiu-se o campeonato regional de óquei em campo — e todos os grupos portuenses para-

ram. Espera-se agora que Lisboa resolva o seu problema, a despeito de ao torneio oficial concorrerem apenas 4 equipas. Quando chegar a ocasião de disputar a «Taça», andam os portuenses em férias, na praia, no campo ou nas termas. E Lisboa ganhará, para nos dar a impressão de que praticam melhor óquei (em campo — nada de campeões) e possuem portanto valor aparte.

Porque não se organizam cuidadosamente estas coisas? Porque não aparece uma Federação que estabeleça doutrina capaz e inteligente?

— Porque não querem...

### O PORTO VAI A BARCELONA...

O F. C. do Porto joga na próxima semana em Barcelona, contra o valeroso campeão. Julgamos que o campeão portuense se acautelará, nesta viagem, que é dura. Por certo fará por apresentar o seu melhor grupo, e com «certez» todos os seus jogadores procurarão defender o mais possível as suas tradições.

Os campeões nortenhos não levarão à cidade condal o avançado brasileiro Silva, motivo desta deslocação. Este, lá continua pelo Brasil, à espera que o convidem para qualquer coisa: — para regressar à sua equipa ou para negociar uma «carta» que lhe não deve ser negada.

De todos os modos, o F. C. do Porto não faz má viagem — queremos dizer, mau negócio. Ainda lhe cabe algum dinheiro...

## ALMANAQUE DOS DESPORTOS

340 PÁGINAS  
200 GRAVURAS

Encontra-se à venda nos  
nossos agentes e na Admi-  
nistração da STADIUM  
Rua da Rosa, 252-1.º

## CURIOSIDADES...

O primeiro número do quinzenário «O Porto» esgotou-se rapidamente, prova de ter sido bem recebido na capital do Norte.

Um dos jogadores do F. C. do Porto solicitado para alinhar em Lisboa, já se pronunciou, dizendo terminantemente que não abandonará o clube. Sobre outro — continuamos os convites, a despeito da forte oposição que encontramos.

Virgílio vai regressar ao Porto no próximo mês. Terminam assim as esperanças de alguns

## Alberto Augusto

### treinador do F. C. do Porto

Agora, está a notícia confirmada. Alberto Augusto, depois do F. C. do Porto experimentar uma ou outra solução, assinou contrato com os campos nortenhos. Já o deixávamos a perceber no último número: o F. C. do Porto estava mais próximo da solução Alberto Augusto, que da solução Fandiño. Assim foi.

Parece-nos que os titulares portuenses ficaram bem servidos. Alberto Augusto, caso interessante, vai treinar o clube a que também pertenceu seu irmão, o inolvidável Artur Augusto, cujas exibições extraordinariamente seguras estão ainda na memória de muitos desportistas. Volvidos muitos anos, serve Alberto o clube em que Artur foi campeão do Porto e de Portugal, — e por certo se dará bem.

Os campeões nortenhos precisam de treinador que se mantenha bastante tempo no clube, e Alberto Augusto pode ser, na verdade, esse elemento. E' tudo questão de um lado e outro encarrar as responsabilidades, que bastam e são, evidentemente.

Possue o F. C. do Porto um bom lote de jogadores, e alguns são já conhecidos de Alberto Augusto. O antigo internacional português, o homem que primeiro bateu Zamora, tem vivido em vários meios, discutiu processos de jogar, mas por certo está convencido da eficácia de uns e ineficácia de outros. E fugirá a qualquer aventura, tecnicamente perigosa.

Mas, por agora, o que deve é louvar-se o belo esforço da direcção, resolvendo de pronto este problema, sempre difícil. Estamos habituados a soluções demoradas, soluções que acarretam grandes prejuízos ao F. C. do Porto, de mais a mais sabendo-se que os



ALBERTO AUGUSTO

campeonatos principiam cedo. O mal, com a entrada de Alberto Augusto, está afastado, e oxalá uns e outros se compreendam e consigam uma «instalação» a longo prazo. Que só assim se deverá produzir obra útil, obra que compense o esforço de dirigidos e dirigentes.

que jogará contra Coimbra. Motivo: — a execução do F. C. do Porto a Barcelona.

❖ O Académico promete apresentar na próxima época um bom team.

❖ Fala-se na vinda para o F. C. do Porto de um bom ciclista estrangeiro. Faria parte da equipa na «Volta a Portugal».

❖ A propósito: embora arredada a participação de Fernando Moreira na «Volta a França», talvez o vejamos na Volta à Suíça. No próximo ano, pensa o valoroso ciclista tomar parte na «Volta a Marrocos», mas com uma equipa do seu clube.



Fotos F. SA

## Campeonatos Nacionais da Mocidade Portuguesa

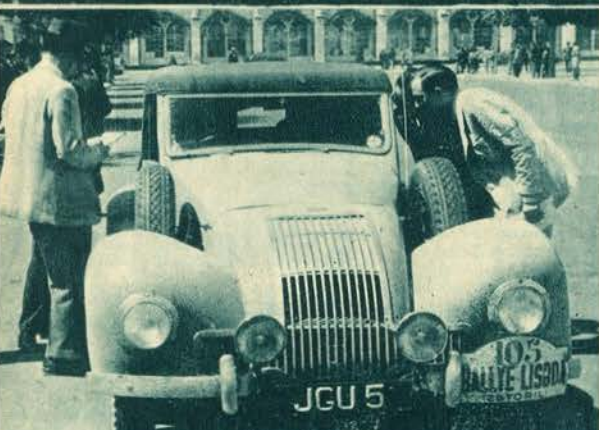
A Direcção dos Serviços de Educação Física e Desportos da Mocidade Portuguesa concluiu os seus trabalhos do ano organizando os seus campeonatos nacionais. De todas as províncias vieram os representantes às provas finais de desporto numa afirmação admirável do valor e dos resultados magníficos que esta actividade exerce na juventude portuguesa.

No Estádio Nacional disputaram-se as provas nacionais de atletismo a que concorreram representantes de Minho, Trás-os-Montes, Douro Litoral, Estremadura e Algarve.

Anotamos três aspectos dessas provas: 1 — João Antunes Júnior (Estremadura) saltou 1,65 metros. 2 — Miguel Saadura (Estremadura) no decorrer da sua prova de 83 metros barreiras em 11 s. e 7/10. 3 — Fernando Ponce, Estremadura, no salto em comprimento 6,19 metros.

Na Coparica, nas instalações da F. N. A. T. efectuou-se um festival para apresentação dos primeiros classificados de Ginástica, Voleibol e Ténis de mesa. Antes foi feita uma alocução aos concorrentes e a proclamação dos vencedores, perante o sr. Comissário Nacional e dirigentes da Mocidade.

Durante esse festival fixamos: 4 — As equipas de voleibol da Estremadura e do Minho as duas primeiras classificadas no campeonato. 5 — Exibição da Classe de Ginástica da Escola Marquês de Pombal vencedora do Concurso Nacional de Ginástica na 4.ª categoria. 6 — A classe do Colégio João de Deus, do Porto, vencedora na 2.ª categoria. 7 — Uma fase do encontro de Voleibol entre as equipas da Estremadura e do Minho.



## O FESTIVAL DAS ESCOLAS CIVIS DE EQUITACÃO



## O RALLYE INTERNACIONAL DE LISBOA



Fotos BIVAR

Concluiu-se com brilhantismo, como aliás decorreu toda a prova, o Rallye Internacional de Lisboa, organizado pelo Automóvel Clube de Portugal e a que concorreram alguns dos melhores volantes internacionais. Triunfou o inglês Alfredo Godfrey Inhof, que tripulou o carro «Allard» com o n.º 105, e que focamos à chegada a Lisboa. Em baixo: o «Vanguard» do português Eugénio Ventura Teixeira que se classificou em 3.º lugar.

No hipódromo do Campo Grande organizou a Revista «Diana» um curiosíssimo festival, dedicado às Escolas Civas de Equitação. Dele damos três aspectos: Em cima, a classe de volteio da «Escola António Correia», que obteve os maiores aplausos; em baixo, à esquerda: D. Raquel Figueiredo, num difícil e curioso exercício; à direita: as alunas D. Ercília Gil e D. Conceição Ferreira, numa fase do volteio.